

OPINIÃO

Telessaúde já é realidade e deve ser protagonista nos próximos anos

Felipe Leonard (*)

O mundo vive tempos difíceis e a única certeza que temos, além da constante ameaça do novo Coronavírus, é de que será inevitável uma intensa reestruturação organizacional. Na área da saúde, como em quase todas as outras, as mudanças já são visíveis e, nesse caminho sem volta, tudo indica que vão continuar acontecendo.

No atual cenário, pacientes e profissionais ainda estão buscando o melhor caminho e construindo diretrizes para que os atendimentos sejam realizados com segurança, tanto agora como nos próximos anos. Os setores da medicina e da prótese dentária devem encontrar formas de oferecer novas possibilidades dentro do “novo normal”. Em meio a tantas inseguranças quanto à saúde e prevenção, a pergunta que não quer calar é: o que (e como) será esse “novo normal?” Ainda que standards de trabalho e segurança já estejam sendo mobilizados, veja bem, é preciso, e assim será por bastante tempo, lidar com a conduta dos pacientes que continuarão reduzindo ou eliminando consultas, tratamentos e exposição aos ambientes de potencial contágio, especialmente nas situações consideradas menos “necessárias”.

Esse impacto não será apenas durante o período de quarentena e medidas de isolamento social, mas também ao longo da segunda e terceira onda do Coronavírus e, claro, após a pandemia. Consultas a distância, aparelhos para diagnósticos em casa, procedimentos médicos mais por necessidade e menos por vaidade fazem parte da nova realidade.

A teleorientação, por exemplo, propõe um aconselhamento profissional a distância e pode ser feita por médicos, dentistas e outros profissionais. Esta modalidade de atendimento já está, inclusive, temporariamente regulamentada pelo Conselho Federal de Odontologia. Outras possibilidades são o telemonitoramento, que funciona como uma central para acompanhamento de pacientes com doenças crônicas; e, ainda, a teleconsultoria, que proporciona a troca de informações e conhecimentos entre médicos para a confirmação de diagnósticos. Estas formas de atender pacientes e praticar a saúde por meio de tecnologias remotas já são realidade e devem ganhar ainda mais força no próximo ano. É evidente que as limitações ainda são muitas,

desde questões técnicas até o acesso aos suportes digitais, mas não há como negar sua potência.

Outro ponto importante diz respeito aos ambientes hospitalares, de clínicas e consultórios. Novos equipamentos de proteção individual (EPIs) serão exigidos e obrigatórios, além do uso de ferramentas adicionais de desinfecção e esterilização de ambientes, superfícies e pessoas. E não será muito diferente em indústrias e escritórios, onde modelos de higiene e sanitização deverão ser reavaliados constantemente, minimizando não apenas as possibilidades de contágio da Covid-19, mas as prováveis e futuras outras doenças.

Na saúde, em todas as suas possibilidades, ainda acompanharemos muitos debates sobre tecnologias de monitoramento em tempo real da saúde das pessoas. E isso é fundamental para que um caminho seguro seja proposto, que ao mesmo tempo respeite a liberdade, privacidade e todos os direitos fundamentais do ser humano. Em resumo: o mundo mudou e nós não estávamos preparados. Tivemos pouco tempo para a reação e para nos adaptar.

No ar, fica a certeza de que precisamos nos preparar ainda mais para as transformações necessárias. É preciso lembrar que, em uma pandemia, não são somente os vírus que matam. Há todo o contexto sócioeconômico, que é duramente afetado.

Com a perda de postos de trabalho e, consequentemente, de recursos financeiros, surgem dificuldades para o acesso à alimentação. A pobreza e desnutrição, como sabemos, também mata e afeta o desenvolvimento de várias gerações. Outro impacto direto é o aumento da violência, agravada pelo desespero de não se ter comida na mesa. Isso sem falar do enorme número de pessoas que desenvolvem depressão, ansiedade, angústia e crises de pânico, entre outros problemas de saúde mental, que podem causar sérias complicações e levar, até mesmo, à morte.

Precisamos não apenas aperfeiçoar nossos protocolos de segurança para salvar mais pessoas, mas, efetivamente, para administrarmos futuras crises com o mínimo de impacto. Mais do que nunca, é preciso construir tecnologias e sistemas que permitam prever, evitar e administrar futuras pandemias, evitando ou minimizando ao máximo os danos que possam causar na economia e na plenitude da vida em nosso planeta. Esse deve ser o aprendizado necessário e fundamental a ser extraído neste momento.

(*) É presidente e CEO da S.I.N. Implant System.

Qual será o futuro do TikTok?

Os dias parecem estar contados para o TikTok nos Estados Unidos. Caso o aplicativo não seja comprado por uma empresa estadunidense, como a Microsoft, que já negocia a aquisição, poderá ser banido do país no próximo mês, como determinou o presidente Donald Trump. Em comunicado, o TikTok disse que a decisão foi emitida “sem o devido processo legal”.

Dane Avanzi (*)

O conflito velado entre Estados Unidos e China pela hegemonia mundial já dura décadas. Parte dos bastidores da chamada Cyberwar foi desnudada pelo analista de sistemas e ex-agente da CIA Edward Snowden e o fundador do WikiLeaks Julian Assange. Certamente, o conflito envolvendo o TikTok é mais um desdobramento dessa guerra virtual envolvendo os dois países.

A recente decisão de Trump envolvendo o aplicativo, que já soma mais de 800 milhões de usuários ativos mensais, foi vista por muitos como uma medida autoritária. É um tema delicado porque envolve uma alegação de ameaça à Segurança Nacional, na visão do governo estadunidense. Autoridades defendem que cidadãos americanos estão sendo monitorados e tendo dados coletados pela ByteDance, startup chinesa detentora do aplicativo. Porém, é preciso lembrar que Facebook, Google, Amazon, entre outras empresas americanas, também têm acesso a dados de usuários em todo o mundo e jamais houve por parte de autoridades estrangeiras a atitude de banimento ora cogitada.

Há de se pontuar, também, o recente revés sofrido por Trump a partir de um movimento organizado pelo TikTok. Usuários do país teriam feito um ato contra o presidente ao se inscreverem para um comício em Tulsa, Oklahoma, e não comparecerem. As imagens do evento praticamente vaziam repercussão no mundo todo, para o constrangimento do líder americano.

Do ponto de vista da liberdade dos cidadãos americanos, o banimento do TikTok representa, no mínimo, um contrassenso – afinal, os Estados Unidos são ou não são a terra dos livres (ou “the land of the free”), como bradam em seu hino nacional?

Como o aplicativo é utilizado por jovens, pode haver inclusive uma reação contrária e a rede social ganhar até mais usuários, a exemplo da mobilização que resultou no esvaziamento de um comício. Caso haja ordem judicial determinando a paralisação do serviço, provavelmente haverá uma batalha judicial, e, eventualmente, pode ocorrer uma derrota do presidente Trump. A situação é complexa porque Segurança Nacional e liberdade são temas que mobilizam a opinião pública, dois valores basilares para a Democracia Americana.

Outro ponto importante é que, como os Estados Unidos desempenham um



“A recente decisão de Trump envolvendo o aplicativo, que já soma mais de 800 milhões de usuários ativos mensais, foi vista por muitos como uma medida autoritária. É um tema delicado porque envolve uma alegação de ameaça à Segurança Nacional, na visão do governo estadunidense.”

dores locais a bloqueá-lo. Isso exigiria uma força-tarefa muito bem estruturada e operando full-time. Portanto, as chances de o banimento dar certo são pequenas.

Governos de todo o mundo vão a reboque da tecnologia. Há tempos, todos os Estados enquanto instituições no mundo vivem em crise por não conseguirem, salvo exceções, garantir o bem-estar social à maioria dos cidadãos. Em razão disso, posturas e visões assíncronas com a realidade dos fatos serão incúas, especialmente quando tomadas à guisa de atos voluntários e à revelia de debate e consenso com as forças e poderes políticos. Por conectar as pessoas de modo direto e democrático nas redes sociais, a tecnologia esvaziou o poder antes exercido por grupos específicos, sendo o poder político, talvez, o que mais precisa se adaptar a essa nova realidade, no que tange à construção de ideias e projetos com a população.

Sendo banido ou não, uma consequência é certa: o presidente Trump sairá desgastado do episódio. Em verdade, hoje, qualquer Estado do mundo possui limitado controle sobre a internet, a tecnologia. Se conseguir banir o aplicativo, a democracia americana sairá arranhada do episódio. Lembrando uma célebre frase da Dama De Ferro, Margaret Thatcher, “estar no poder é como ser uma dama: se você tiver que lembrar as pessoas que você é, você não é.” Reconhecer essa vulnerabilidade é essencial para saber as guerras que podem ser lutadas - e vencidas - e como se posicionar no jogo.

(*) É empresário, advogado e Diretor do Grupo Avanzi.



News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

Accenture anuncia aquisição da empresa brasileira Organize Cloud Labs

@ A Accenture anuncia a aquisição da Organize Cloud Labs, primeira empresa parceira na categoria Elite da ServiceNow na América Latina. A operação fortalece a ampla gama de ofertas de tecnologia da Accenture, além do profundo conhecimento em estratégia, migração, implementação e gerenciamento de cloud. Juntas, a Accenture e a Organize Cloud Labs oferecem aos clientes acesso à mais ampla experiência no mercado local para promover inovação e transformação dos processos e das infraestruturas existentes. Com isso, as empresas encontram respostas às necessidades do usuário final no processo de sua transformação digital. A Organize Cloud Labs reúne um dos maiores números de certificações na plataforma ServiceNow na região. Esses profissionais se unem agora à prática global ServiceNow da Accenture (<http://www.accenture.com.br>).

Superlógica anuncia eventos online para os mercados imobiliário e de condomínios

@ O Grupo Superlógica, líder em tecnologia da informação para o mercado condominial e imobiliário, anuncia a realização do Superlógica Next Live, uma série de eventos online para o mercado condominial e imobiliário, que irá mostrar como essas empresas podem aproveitar as oportunidades criadas pelo trabalho remoto e se tornarem mais eficientes e competitivas. O evento principal acontecerá nos dias 7 e 8 de outubro e será precedido por edições de menor porte, também online, o Superlógica Next Pocket, do dia

12 de agosto ao dia 23 de setembro de 2020. Todas as atividades serão gratuitas.

Cognizant compra New Signature, líder em transformação digital em nuvem

@ A Cognizant comprou a New Signature, parceira independente da Microsoft em soluções de transformação digital na nuvem. A transação deve ser finalizada ainda no terceiro trimestre e está sujeita às análises regulatórias. Os valores não foram informados. A aquisição da New Signature expande os serviços de consultoria em nuvem em hiperescala e será a base de um novo grupo da Cognizant dedicado a soluções em nuvem da Microsoft (www.cognizant.com.br).

SAE BRASIL lança desafio estudantil para criação de carros movidos a hidrogênio

@ A SAE BRASIL lança às universidades brasileiras o SAE BRASIL & BALLARD STUDENT H2CHALLENGE, primeiro desafio estudantil no país para a construção de veículos movidos a hidrogênio. A iniciativa conta com 13 equipes inscritas de 12 instituições de ensino superior dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Bahia, e tem o apoio da canadense Ballard Power Systems, líder nessa tecnologia com operações na Europa, Estados Unidos e China. Nessa primeira etapa foram realizados nove cursos de capacitação para os alunos de engenharia sobre os temas da mobilidade com hidrogênio, e incentivada a interação entre profissionais da academia e da indústria.